

Na tentativa de superar essas críticas, a autora deste livro tem oferecido grandes contribuições à área da Psicologia da Educação, entre as quais destacamos a produção de um artigo intitulado "Psicologia – uma ciência humana aplicada à educação" (1984) e sua tese de doutorado "Psicologia da Educação em Minas Gerais – histórias do vivido" (1985), na qual faz uma análise psicossociológica do processo histórico da Psicologia da Educação em Minas Gerais.

Em 1987 publicou o livro "Psicologia da Educação – fundamentos teóricos – aplicações à prática escolar", objeto desta resenha, o que, como suas outras contribuições, mostra uma Psicologia comprometida com uma perspectiva histórico-social.

O livro apresenta sete capítulos: Psicologia da Educação: seu campo de estudos e seu fundamento científico; Psicologia Experimental e Psicometria; O Comportamentismo; O Não - Diretivismo; A Psicanálise; A Teoria de Piaget e A Psicologia da Educação no Brasil.

Nele são abordadas as teorias psicológicas aplicadas à educação (de maneira diferente da maioria das publicações sobre as mesmas), considerando o contexto em que surgem, a filosofia que lhes suporta, e a história dos seus principais expoentes. Mostra, ainda, uma visão crítica sobre cada abordagem, a aplicabilidade à educação e as contribuições de uma das teorias psicológicas.

Cabe ressaltar que já no início do livro a autora levanta questões relacionadas à utilização da Psicologia da Educação como instrumento ideológico, a sua importância, sua conceituação, a questão da não neutralidade da ciência, a necessidade da pluridisciplinaridade ou multidisciplinaridade, a separação entre teoria e prática e, enfim, a falta de identidade dessa Psicologia. Ela frisa que tanto a Psicologia quanto a Educação só podem ser compreendidas inseridas num quadro histórico, político, econômico e social.

A contextualização ou momento histórico de cada teoria apresentada é uma das partes mais relevantes desse trabalho, o qual, entretanto, deixa um vazio com relação à explicação da teoria em si, devendo o professor de graduação que desejar utilizar essa obra ter cuidado de reforçá-la com exposições, ou com outras obras que expliquem cada teoria apresentada nesse livro. Deve-se, no entanto, considerar que esse trabalho é um dos pioneiros na crítica ao papel da Psicologia da Educação, no Brasil.

Verificamos algumas limitações quando apresenta a validade das contribuições das diferentes teorias e a sua crítica ideológica: superficial em algumas teorias e mais aprofundada em outras; "enérgica" com algumas e "condescendente" com outras.

Entretanto, cabe aqui louvar o respeito que esta educadora tem pelas contribuições efetivas das diferentes teorias, o que, apesar de parecer à primeira vista uma posição eclética, sugere no decorrer do texto um enfoque transformador voltado para o social. A autora, embora aponte algumas indicações concretas para uma Psicologia da Educação transformadora, não apresenta um referencial teórico mais diretamente relacionado à linha histórico - crítica, como por exemplo o dos psicólogos soviéticos.

No final do trabalho, a autora apresenta as principais críticas que a Psicologia da Educação vem recebendo: seu estatuto de cientificidade, isolamento da Psicologia em relação às demais ciências humanas, o afastamento entre Psicologia e Filosofia, o uso indevido da Psicologia, sua tradição biológica, distanciamento entre conteúdo e prática escolar, e a disseminação, pelos professores de Psicologia da Educação, de um conteúdo não adaptado à nossa realidade.

Mas, apesar de mostrar essas críticas à Psicologia da Educação e sua desvinculação dos problemas sociais e institucionais, ela atribui à Psicologia um papel transformador, diferente de muitas propostas conformistas e negativistas que existem até então. Para a autora o papel da Psicologia da Educação hoje deverá estar ligado à "educação do homem brasileiro, neste momento preciso de sua história".

Goulart assim se manifesta, ao falar deste livro e de sua tese de doutorado: "A elaboração desses dois trabalhos me permitiu desenvolver uma atitude crítica diante da Psicologia da Educação sem, contudo, me afastar do saber psicológico ou repudiá-lo, condenando-o pelo mau uso que se tem feito dele".

Maria Eleusa Montenegro - Professora da FE/UFG

Sônia da Cunha Urt - Professora da UFMS.

FONSECA, Maria Teresa Lousa, *A Extensão Rural no Brasil: um projeto educativo para o capital*. São Paulo, Loyola, 1985. 191 p.

Trazendo um título sugestivo e instigante, este livro é um exemplo de trabalho vivo, criativo, inteligente.

Inicialmente apresentado como Dissertação de Mestrado na U.F.M.G. em 1983, ganhou a forma de livro e hoje é conhecido e muito bem recebido por um público numeroso, a partir de sua publicação pela Editora Loyola, integrando a Coleção "Educação Popular".

Apesar de nascer na academia, ele saltou os seus muros, porque a autora conseguiu transpor essas barreiras e realizar um trabalho de fácil alcance até para os leigos. Isso não significa que houve superficialidade nas abordagens. Houve seriedade, profundidade mas, sobretudo, maestria na tecitura da rede que compõe o trabalho.

A autora reconstruiu os caminhos da Extensão Rural no Brasil, de sua criação em 1948 até o ano de 1968, quando a ABCAR (órgão nacional responsável pelo trabalho extensionista) desapareceu, cedendo lugar à EMBRATER. Portanto, a pesquisa se situa nesses vinte anos. Desse período foram levantados os documentos, os discursos, as observações, as reflexões para, nas mãos da autora, receberem uma interpretação sociológica.

É possível em meio à riqueza deste trabalho perceber a clareza meridiana da linha condutora de análise: o reconhecimento da Extensão Rural como Educação e a compreensão desta prática educativa do ponto de vista sociológico.

De início, a autora apresenta a abordagem da sociologia acadêmica ou burguesa transparente na estruturação da proposta objetivada pela Extensão Rural no Brasil. A esta proposta ela opõe a sua própria forma de enxergar o objeto de análise. Observa que não se restringiu ao ângulo de visão voltado exclusivamente para o aspecto pedagógico do ensino das técnicas, mas para o alcance político desse ato pedagógico. Procurou desnudar, em meio a todo o corpo daquele programa de extensão rural, a ideologia que o permeou ao longo dos seus vinte anos de existência. Ideologia que nem sempre apareceu de forma explícita.

Assim, dentro do amplo programa da Extensão Rural no Brasil, a autora dedicou-se a compreender o projeto educativo na zona rural. À medida que aprofundava suas investigações nas particularidades do objeto, não perdeu de vista a trajetória das relações capitalistas em seu avanço na direção da produção no campo. Sem esse estabelecimento de ligações conjunturais, o trabalho ficaria empobrecido e é a própria pesquisadora quem reconhece e explicita a lógica capitalista transparente no caráter pedagógico-político da atividade extensionista. Uma lógica que chega, principalmente para os pequenos proprietários, transfigurada num sentimento de ilusão – uma vida melhor, mais conforto, maior produtividade etc.

Mas, a autora é incisiva no momento de sua indagação que dá o ponto de partida ao trabalho: "para que e para quem serviu o projeto educacional extensionista brasileiro de 1948-1968"? aí começa, de fato, o desvendamento do objeto de análise.

Devem ser salientados pelo menos mais dois aspectos que aparecem com maior evidência quando se lê este trabalho e que dizem respeito à sua organicidade e estruturação. O primeiro deles é a propriedade dos títulos e subtítulos, por exemplo: "De Rockefeller ao caipira mineiro", "Um agrônomo, uma professora e um jipe" ou "Para se ler pela mesma cartilha" e outros mais. Numa olhada rápida isso até poderia passar despercebido, mas, quando se mergulha na leitura do texto, é impossível não reconhecer a coerência desta chamada inicial com a abordagem desenvolvida em cada tópico.

O segundo aspecto é provavelmente mais significativo ainda: diz respeito à forma com que Maria Teresa abordou o tema e compôs o "todo", o "corpo inteiro" da obra. Ela fugiu do tripé tão comum nos trabalhos acadêmicos: teoria - apresentação do objeto - síntese. A sua opção teórica é clara e fica visível como suporte de interpretação e não como introdução ou apêndice para justificar uma seqüência de dados ou uma hipótese levantada aqui ou ali, algo assim como que pairando à espera de uma chamada para prestar auxílio.

O que se percebe nesta obra é um exercício de coerência e harmonia na multiplicidade de leituras possíveis do objeto em questão. No caso, a Extensão Rural no Brasil, um projeto educativo para o capital, exigiu várias leituras: a histórica, a sociológica, a política, a pedagógica e todas elas amparadas pela opção teórica inicialmente apresentada.

Por fim é preciso também observar a dupla formação da autora-educadora e socióloga que, ousou afirmar, lhe permitiu com desenvoltura navegar por esses meandros.

*Ledonias Franco Garcia*

*Professora de História do ICHL/UFMG*

LIMA FILHO, Adgenor & REBOUÇAS, Floracy Amaral. *O pensamento formal em Piaget: gênese, estruturação e equilíbrio*. Goiânia, Dimensão, 1988. 128 p.

O livro "O pensamento formal em Piaget: gênese, estruturação e equilíbrio" constitui-se numa valiosa contribuição para os estudiosos da teoria piagetiana. Seus autores, Adgenor de Lima Filho e Floracy Amaral Rebouças, são professores de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, e vêm se aprofundando nos estudos de Piaget, interessados na sua aplicação tanto à situação escolar, nos diferentes níveis, como ao trabalho clínico.